

CARTAS

"A volta de Prestes é teste da democracia"

Entendo que nada questionará tanto a propalada abertura quanto a volta de Luiz Carlos Prestes ao Brasil. Será este o momento ideal para testar a sinceridade de propósitos de muitos travestis de democratas que estão à solta por aí.

Aliás, algumas manifestações já feitas não deixam de ser sintomáticas. Logo após a entrevista de Prestes ao Coojornal o coronel Rubens Ludwig achava justo o desejo de Prestes de voltar, enquanto o sr. Thales Ramalho, do MDB, recebia a notícia com evidente má vontade. Basta ver o que disse à Folha de S. Paulo do dia 3/2. Aqueles que discordam da vinda de Prestes têm que reconhecer, porém, que ele chefiou o mais duradouro partido oposicionista brasileiro, apesar de ilegal, mas que participou ativamente na derubada da ditadura de Vargas, na campanha O Petróleo é Nosso e outras tantas jornadas do povo.

Voltando ao que disse o sr. Thales Ramalho, "Prestes pode voltar porque já não tem mais capacidade alguma de mobilização". Isto significa que, se no entender do sr. Ramalho, Prestes tivesse esta capacidade, melhor seria que ficasse mesmo no exílio. Creio que não tanto por habilidade política, mas, ao menos, por uma questão de ética, o sr. Thales Ramalho deveria furtar-se a declarações como esta, já que ambos são secretários-gerais de dois partidos que têm em comum a bandeira oposicionista e representam, certamente, o pensamento de parcelas do povo brasileiro.

Quanto à capacidade ou não de mobilização que Prestes ainda possui, isto é algo a ser visto quando ele tiver as mesmas condições que o sr. Thales Ramalho tem para agir.

J. B. Costa, Aparecida, SP

Puebla e o rebanho faminto

Todos nós que admiramos o trabalho da Igreja dos Pobres estamos apreensivos com os rumos pós-Puebla. Será que Puebla continuará sendo a Puebla de Los Angeles ou transformar-se-á na Puebla de los Pueblos sonhada por Frago, Balduino, Pedro, Padim e tantos outros bravos sacerdotes que, sabedores da irreversibilidade da história, procuram agiornar a Igreja, mudar seus modus operandi para que possa estar mais próxima do Evangelho sem as vinculações de outrora: Igreja ligada ao Estado, hierarquia corrupta, etc.

Que Puebla tenha sido uma transformação maior do que Medellín para permitir ao povo — e não apenas à hierarquia da Igreja — maior libertação, convívio, denúncia. Que Puebla tenha despertado parte do mundo cristão, quicá todo ele para esta época terrível em que o homem se distancia e é forçado pelo mau exemplo a afastar-se do "altíssimo", de sua luz.

Que Puebla não subestime a inteligência do povo... e cuide do seu rebanho faminto, torturado, espoliado, enganado (inclusive por certa Igreja...).

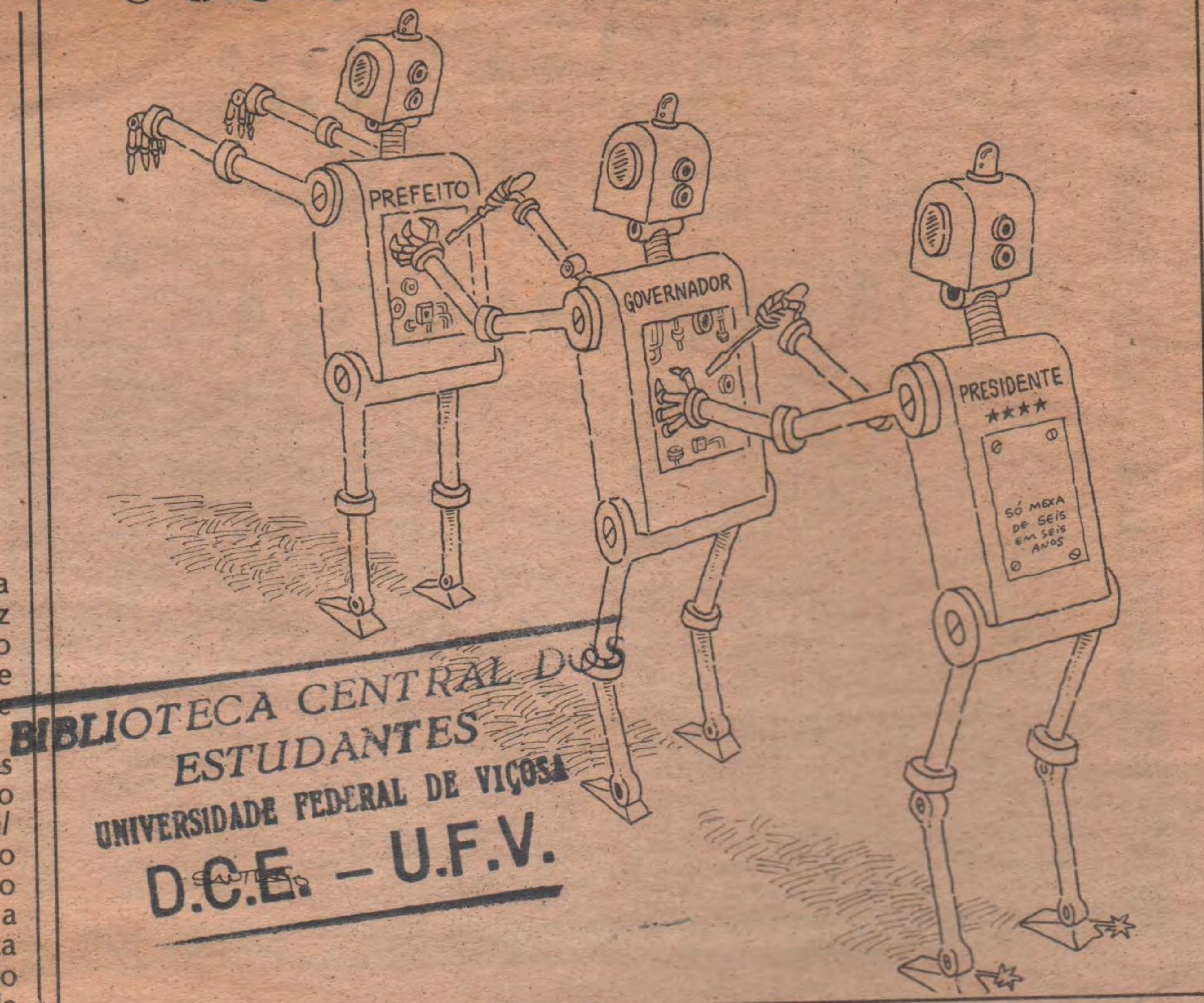
Jorge Baleeiro de Lacerda, Francisco Beltrão, PR

Parabéns

Parabéns pela edição extra.
Zeka, Rio de Janeiro, RJ

As cartas para a redação devem conter nome e endereço completo do remetente para que sejam publicadas. Remeter para Rua Comendador Coruja, nº 372, Porto Alegre.

O CICLO BIÔNICO



"Não houve traição nem adesismo"

O ex-tenente José Wilson da Silva, que nos primeiros tempos de Montevideu foi o principal assessor militar do Sr. Leonel Brizola, procurou o Coojornal para rebater declarações feitas por dois ex-companheiros de exílio em entrevistas por nós publicadas.

No seu depoimento sobre a Guerrilha de Três Passos (Coojornal 35), o ex-coronel Jefferson disse: "José Wilson, ex-vereador pelo PTB, voltou ao Brasil e é o único exilado militar que foi reintegrado no Exército e além disso recebeu promoção, passou a capitão. Hoje vive tranquilamente em Porto Alegre".

Na entrevista publicada em nossa edição passada, Paulo Schilling afirmou: "Vários dos principais colaboradores passaram com armas e bagagens para o inimigo. Basta citar dois, que deram todo o serviço: o tenente José Wilson e Eno Becker".

— É uma grande injustiça comigo, diz José Wilson, hoje com 47 anos.

E para comprovar, conta sua história:

— Eu era sargento, ligado ao movimento dos sargentos, a Brizola e ao PTB. Em 63, me elegi vereador por Porto Alegre. Funcionava, então, como ligação entre o setor militar e o político, informando e alertando sobre a preparação do golpe.

— Quando estourou o golpe eu estava muito visado. Mas não conseguiram me prender. Como eu era vereador e estava agregado (à disposição), eles me convocaram, com a intenção de me declararem desertor. Acontece que eu estava agregado por determinação do Presidente da República e um Comandante de Região não podia, não tinha autoridade para me convocar. Além disso, antes de decorrer o prazo para a apresentação, me apresentei no Uruguai e pedi asilo político. Em consequência disso fiquei numa situação sui generis, inclusive porque naquela ânsia de me prenderem acabaram não me cassando. Dizem que meu nome estava naquele famoso listão do Meneghetti, que foi perdido e depois refeito, não sei.

— No Uruguai, fiquei um ano em Montevideu e fui para o interior. Em 71, a situação estava ficando difícil no Uruguai. Pedi a familiares que sondassem a possibilidade de minha volta. Eram boas as chances. Me apresentei no consulado, dizendo que queria voltar. Vim, pode-se dizer, oficialmente: um agente da Secretaria de Segurança me esperou na fronteira e fiquei um mês no DOPS. Depois fui para o Exército. Fiquei um ano e 28 dias preso, saindo em fins de junho de 72, com uma situação indefinida pois fui absolvido nos dois processos que tinha. Em novembro de 1973 fui demitido pelo AI-5.

— Então, dizer que estou muito bem, que recebi duas promoções é, no mínimo, uma maldade, pois para sustentar a família (seis filhos) tive que vender tudo o que tinha, até os móveis da minha casa e trabalhar como corretor de imóveis. O



Eno Cristiano Becker



Ex-tenente José Wilson

Paulo Schilling eu sei que falou por ter informações erradas, mas o Jefferson é leviandade.

José Wilson mora hoje em Porto Alegre, trabalha com representação comercial e está com um pedido de revisão do seu processo de deserção no STM. Conforme o resultado, pretende recorrer ainda, buscando sua reintegração nas Forças Armadas.

Eno Cristiano Becker foi diretor administrativo da Supra no RS e no exílio foi uma espécie de secretário pessoal de Brizola, também procurou-nos para refutar as afirmações de Schilling:

— Se isso partisse de um adversário político, ainda seria aceitável. Mas, de um companheiro, é doloroso. Ele simplesmente me chama de alcagüete, uma coisa que eu considero abominável. Minha preocupação nestes 15 anos tem sido exatamente não vacilar diante de tantas dificuldades, para poder deixar ao meu filho um legado de seriedade e de coerência. E agora ele joga tudo por terra assim com uma frase... Meu único consolo é que a única pessoa que pode definitivamente dizer o que sou e o que fiz é o Brizola e tenho certeza que quando houver oportunidade ele vai repor a verdade.

Eno Becker voltou ao Brasil em novembro do ano passado e ficou um mês preso na Polícia Federal. Depois foi solto, hoje trabalha também com representação comercial em Cachoeira do Sul.

Valorosa OAB

Minha primordial intenção é exaltar a publicação do Coojornal nº 37. Excelente, pela seleção e desenvolvimento dos assuntos, apesar de alguns erros gramaticais. Mas isto fica por conta da reforma do ensino do professor Jarbas Passarinho.

Só gostaria de registrar o valoroso trabalho da Ordem dos Advogados do Brasil em benefício dos interesses nacionais. Todavia, a missão essencial, que é a defesa dos interesses dos próprios advogados, como, por exemplo, a melhoria no funcionamento da burocracia judiciária (sobretudo a 1ª instância), essa não vem sendo cumprida. Aqui em Brasília é uma lástima! E note-se que a anuidade subiu para Cr\$ 2 mil, além da taxa extra para cada ação. Ai entra o provérbio: "Casa de ferro, espeto de pau!"

Paulo Batista Gomes, Brasília, DF

"Drama suplementar, cansativo e dolorido"

Eles poderiam ser personagens de um conto, uma novela de marcante realismo social. Só não são porque vivem (ou sofrem) uma realidade tão comum, tão cotidiana, que se tornou banal. Parecem normal, a coisa mais natural do mundo, que quando as pessoas humildes, essas que com mãos calosas vão cavando os alicerces, erguendo as paredes das novas e prósperas cidades onde por certo não morarão, que quando essas pessoas adoecem, nunca tenham como nós repouso e cuidados, mas que comece para elas, no mesmo instante, um drama suplementar, cansativo e dolorido.

Não são essas pessoas, que padecem horas e horas, do frio da madrugada ao sol escaldante do meio-dia à espera de um médico quase sempre apressado e desatencioso, por vezes indelicado, as responsáveis pela euforia dos brilhantes tecnocratas, que saudáveis e sorridentes anunciam ao fim do ano a vitória, o aumento do PNB, a disparada do PIB e a escalada incrível da ilusória renda per capita?

Não se cuida com toda atenção das máquinas, dos equipamentos, porque são eles a mola mestra do progresso? Os cavalos de raça não são cercados de cuidados e conforto por renderem fortunas aos seus donos? Será que só as pessoas é que não são importantes, por serem tantas, tão substituíveis e dependentes?

Não creio que aos serviços de previdência faltem recursos. Os que mais contribuem são os que menos os utilizam, pois naturalmente ganham o bastante para manterem a saúde, e se, por infelicidade a perderem, buscam tratamento com quem realmente possa dá-lo, inda que para isso cobre (absurdo, num país de doentes), às vezes mais que o salário mensal de um trabalhador.

É a esses homens que os brilhantes tecnocratas, mais que ao próprio talento, devem as euforias de fim de ano. Seria muito justo que a eles dedicassem um pouco da sua reconhecida capacidade buscando soluções para os problemas que afligem aqueles que com seus ombros sustentam a cruz pesada dos gráficos. Que valham ao povo ao menos na doença, se ainda não têm espírito e coragem suficientes para respeitarem o direito de todos a uma recompensa justa, que lhe permita manter a saúde e a dignidade.

Humberto de Almeida, Londrina, PR

Dois gladiadores no palco

Vibrei, como todos seus admiradores, com a premiação da Marlise Saueressig como a melhor atriz do Festival do Cinema de Gramado. Adoro teatro e acho Marlise esplêndida atriz. E tem uma garra... já a vi representando para meia dúzia de pessoas com o mesmo pique.

O trabalho de Jairo de Andrade e Marlise é muito sério e muito bonito. Sem trocadilho, parecem dois gladiadores, socando, impávidos, as barreiras, pelo bom teatro. Nessa peleia, esses dias, andaram levando uns petardos. Por que o Coojornal não transa uma entrevista com o casal do Teatro de Arena?

Lúcia Ramos, Porto Alegre, RS

“É preciso somar”

Um compromisso maior com o povo exige abdicar de posições simplesmente luminosas ou de sucesso pessoal garantido. Se o que pretendemos é realmente conquistar para mudar definitivamente, é preciso evitar deslumbramentos e erros de avaliação geradores de sacrifícios desnecessários, e que freqüentemente atingem mais as bases. O imediatismo não corresponde à amplitude do que se pretende — mudanças estruturais.

A primeira constatação realista é que a redemocratização não se iniciou unicamente por pressões populares. A tentativa armada não sensibilizou a opinião pública e foi derrotada. As greves só vieram depois de rompida a rigidez da aliança empresarial-militar, quando Bardella e outros empresários botaram a boca no mundo contra o que para eles era estatização e excesso de controle governamental. Houve na época uma revoadada dos ministros da área econômica a São Paulo para tentar explicar e buscar uma recomposição. Mas a ferida não cicatrizou mais e o sistema conseguiu desagradar a uns sem agradar a outros.

Finalmente, houve ainda a influência internacional. É aquela velha história. Sozinho ninguém governa.

Mas seria bom não se confiar apenas nos tais movimentos pendulares da história. Se hoje as coisas estão a nosso favor, o melhor era aproveitar para uma conscientização popular de forma a termos uma base sólida para conquistas definitivas. A alienação construída nos últimos anos precisa ser neutralizada. A maioria dos militares é certamente conservadora, o que é mesmo natural, já que se trata de uma classe criada para manter, para conservar.

O fato é que gastar energia criticando e exigindo uma pureza teórica muitas vezes desnecessária, nos parece pouco conseqüente. Não vai se conseguir nada na base de uma minoria elitista.

É preciso somar e abandonar as reuniões e os gabinetes que dão uma visão caolha. Quem quiser chegar, e não apenas viajar, deve concentrar esforços contra os adesistas, os fisiológicos, etc.

Alexandre C.P. de Carvalho, Rio de Janeiro, RJ

HÉLIO FERNANDES CITA OS QUE ESCAPARAM DA OPERAÇÃO-LIMPEZA

RIO, 18 (Sucursal) — O jornalista Hélio Fernandes, diretor-presidente do vespertino carioca “Tribuna da Imprensa”, divulgou, ontem, em seu jornal, a reportagem-assinada, com o seguinte título — “Os que sobram da Operação Limpeza”. Nesta reportagem, Hélio Fernandes aponta os seguintes homens públicos que não tiveram os seus mandatos e diretos cassados pelo Alto Comando Revolucionário — Juscelino Kubitschek, Afonso Arinos, San Tiago Dantas, Nelson Maculan, Tancredo Neves, José Cândido Ferraz, Hugo Faria, Ermírio de Moraes, Sebastião Pais de Almeida, Renato Costa Lima, Walter Moreira Salles, Hélio Almeida e Badger Silveira. O co-

mentarista Hélio Fernandes diz ainda que o sr. Juscelino Kubitschek é dono da conta número 18 da Suíça e um dos grandes incentivadores da subversão no Brasil e consolidador da aliança comuno-negocista em nosso País. Afonso Arinos é apontado como carreirista nato e “pelego” de casaca. O ex-ministro da Fazenda San Tiago Dantas é tachado de “O Pierre Laval brasileiro”, sendo, ainda, o mais notório “pelego” da diplomacia. O sr. Tancredo Neves é apresentado como cínico e a serviço do enriquecimento ilícito. A reportagem do diretor da Tribuna de Imprensa obteve enorme repercussão nos meios políticos cariocas.

Hélio Fernandes

Fazendo uma pesquisa em jornais descobri esta jóia publicada na Folha da Tarde de Porto Alegre, dia 18/4/64. O Sr. Hélio Fernandes numa de dedo-duro. Quem vê a veemência com que ele prega contra o Governo hoje, não diz: Hein?

Eduardo S. Ferreira, Porto Alegre

“O único líder popular que nos resta”

Somente hoje, dia 5 de fevereiro, tomei conhecimento de que este prestigioso jornal publicou uma entrevista com o sr. coronel Jeferson Cardim, na qual cita meu nome de maneira desonrosa, identificando-me quase como um lacão de Brizola, fato este que me obriga a responder alguns aspectos da citada reportagem.

O coronel Jeferson, referindo-se à falta de apoio dos companheiros exilados no Uruguai a seu movimento revolucionário, disse que Brizola havia me proibido de falar com ele e ordenado a mim e a meus companheiros a não prestar-lhe nenhuma colaboração nem a seu frustrado movimento guerrilheiro.

Tudo faz crer que o coronel Jeferson

não teve tempo suficiente para conhecê-me. Apenas levou daqui sua opinião pessoal e superficial sobre mim, daí porque não sabe como penso, vivo e atuo, em qualquer situação.

Sou um homem livre, um idealista, um revolucionário. Um homem que dedica sua vida a serviço de seus ideais jamais poderá ser um pelego. Nem mesmo meu grande amigo Brizola teria autoridade para proibir-me de falar com quem quer que seja ou impedir-me de colaborar com quem quiser.

Aqui no exílio, como estamos obrigados a conviver em aberta promiscuidade com todos que, como eu, estão cumprindo longos anos de dificuldades fora da Pátria, chegamos a conhecer-nos intimamente. Portanto, tenho autoridade para dizer que conheço profundamente o companheiro Brizola.

Brizola, para os que o conhecem intimamente, é infinitamente superior a todos estes políticos que se apresentam com uma fachada de respeitabilidade e que em verdade são meros oportunistas.

Falar de Brizola é referir-se a uma figura que volta a destacar-se novamente, ante uma abertura democrática. Ele surgiu na política numa época de agitação social sem precedentes em nossa história. Considerado por muitos como subversivo e comunista, foi quase adorado por milhões de brasileiros como o defensor da causa dos oprimidos.

Em seus últimos meses no Uruguai, a atenção permanente que dedicava a

companheiros e à situação do Brasil era dia a dia mais exigida pelas visitas freqüentes de compatriotas esperançosos de seu regresso e desejosos de escutar suas palavras.

Neste momento, seu regresso é o trauma da política brasileira. Todos discutem se deve ou não voltar.

As cúpulas dirigentes temem este momento, a oposição teme ceder espaço. Seus líderes, por isto, o combatem veladamente, na esperança de que jamais regresse. É a inveja e a falta de caráter que os leva a estas atitudes. E os militares, por seu lado, não deixam de especular de que este regresso seja, nas mãos do povo, o último golpe em seu castelo de cartas. Porque a “liberdade” de governar com um partido e uma oposição obediente será sempre incompatível em relação a um verdadeiro líder popular.

Paulo Cavalcanti Valente, Montevideu, Uruguai

Os cassados e a convivência de Tarso Dutra

A reportagem do Coojornal de fevereiro sob o título “Em dias de crise no Planalto, um fantasma punia com o AI-5”, assinada por Angélica de Moraes, não poderia ter sido mais oportuna. Nem sempre ela teve a objetividade que seria de desejar, porém isso não diminui o mérito do trabalho. Por duas razões: porque teve de valer-se das informações que lhe foram fornecidas e porque é conseqüência inevitável do caráter espacial e temporal de nossa vida e de nosso ser, sermos observadores parciais, isto é, observadores que contemplam instalados numa perspectiva determinada que nunca coincide plenamente com a dos outros.

A razão principal destas linhas é retificar uma informação que se encontra na última coluna da página 14. Transcrevo: “Cerca de 20 professores voltaram atrás. Maria da Glória Bordini e outros cinco colegas recusaram-se a fazê-lo. Após a breve inquisição, eles ainda lecionaram, normalmente, um mês. Até que o Diário Oficial da União” etc.

Ignorava que Maria da Glória Bordini, a informante da reportagem, tivesse lecionado, normalmente, durante um mês, após os acontecimentos por ela descritos. Se o fez, suponho que deveria ter tido graves razões para assim proceder. Porque a carta que assinou, junto com outros professores, e com centenas de alunos, afirmava, explicitamente, que os professores abandonariam as aulas, como protesto contra o ato de violência que atingira nossa Universidade. E eles assim procederam (falo dos professores da Faculdade de Filosofia), com exceção, verifico agora, de Maria da Glória Bordini.

Quanto ao que ocorreu nos bastidores da revolução, creio que a situação, tal como se está agora publicamente configurando, pode ser assim resumida: 1) Tarso Dutra não assinou o decreto que aposentou ou rescindiu o contrato de um grupo de professores universitários, e era de opinião, já em 1969, que o Presidente da República também não o havia assinado, por impossibilidade física. 2) Tarso Dutra nada disse, porque o general Hugo Abreu não o autorizou a falar. 3) Tarso Dutra, desta maneira, permitiu, na área da educação, pela qual era responsável, que um decreto em sua opinião inexistente sob o ponto de vista legal, porque não havia sido assinado por quem podia fazê-lo, destruísse a vida profissional de professores brasileiros dignos e capazes. 4) Tarso Dutra, quase dez anos após, faz essas revelações, provavelmente com a consciência de que merece o aplauso de todos os brasileiros.

Os bastidores da revolução!
Victor de Brito Velho, Porto Alegre, RS

O autor!

Adorei a edição de humor do Coojornal, o “Humor às Pampas”. Bis! Bis! Mas houve um esquecimento: quem escreveu as gozadíssimas “Novas Lendas do Sul”?

Sandra Britto, Porto Alegre, RS

Nota da Redação: As lendas são do Luís Fernando Veríssimo.

Querida família:

“As cartas de Flávia Schilling constituem o depoimento comovedor de um ser humano que fez uma opção política clara e a ela se dedicou com todas as suas forças”

VEJA

“Com incrível lucidez, Flávia relata momentos vividos no presídio e analisa situações dramáticas, como a relação torturado-torturador”

ISTO É

“Flávia lembra Anne Frank, assassinada pelo nazismo no campo de Bergen-Belsen, em 1945. A diferença é que Flávia está viva, apesar de já ter passado por toda a sorte de violências e torturas”

FOLHA DA MANHÃ

“É um dramático documento de uma jovem que não se deixou sucumbir pelos momentos terríveis de violência que caíram sobre si de um momento para outro”

ZERO HORA

“É um documento estupendo de humanidade, e, simultaneamente, possibilidade de uma profunda reflexão a respeito da liberdade e da prisão, da força que o ser humano encontra em seu próprio interior para vencer e ultrapassar as dificuldades externas”

CORREIO DO POVO

“Mais do que uma expressiva forma de comunicação de uma moça de 19 anos com sua ‘querida família’, as cartas revelam o extraordinário vigor de caráter de uma brasileira condenada no Uruguai por envolvimento com os tupamaros”

JORNAL DO BRASIL

Faça seu pedido pelo reembolso postal, preenchendo este cupom e remetendo para a Editora Coojornal

Solicito exemplar(es) do livro
“Querida Família:”, ao preço de Cr\$ 70,00 cada.

Rua Comendador Coruja, 372
90.000 — Porto Alegre — RS

cooJORNAL

Nome: _____

Rua: _____

Bairro _____

Cidade: _____

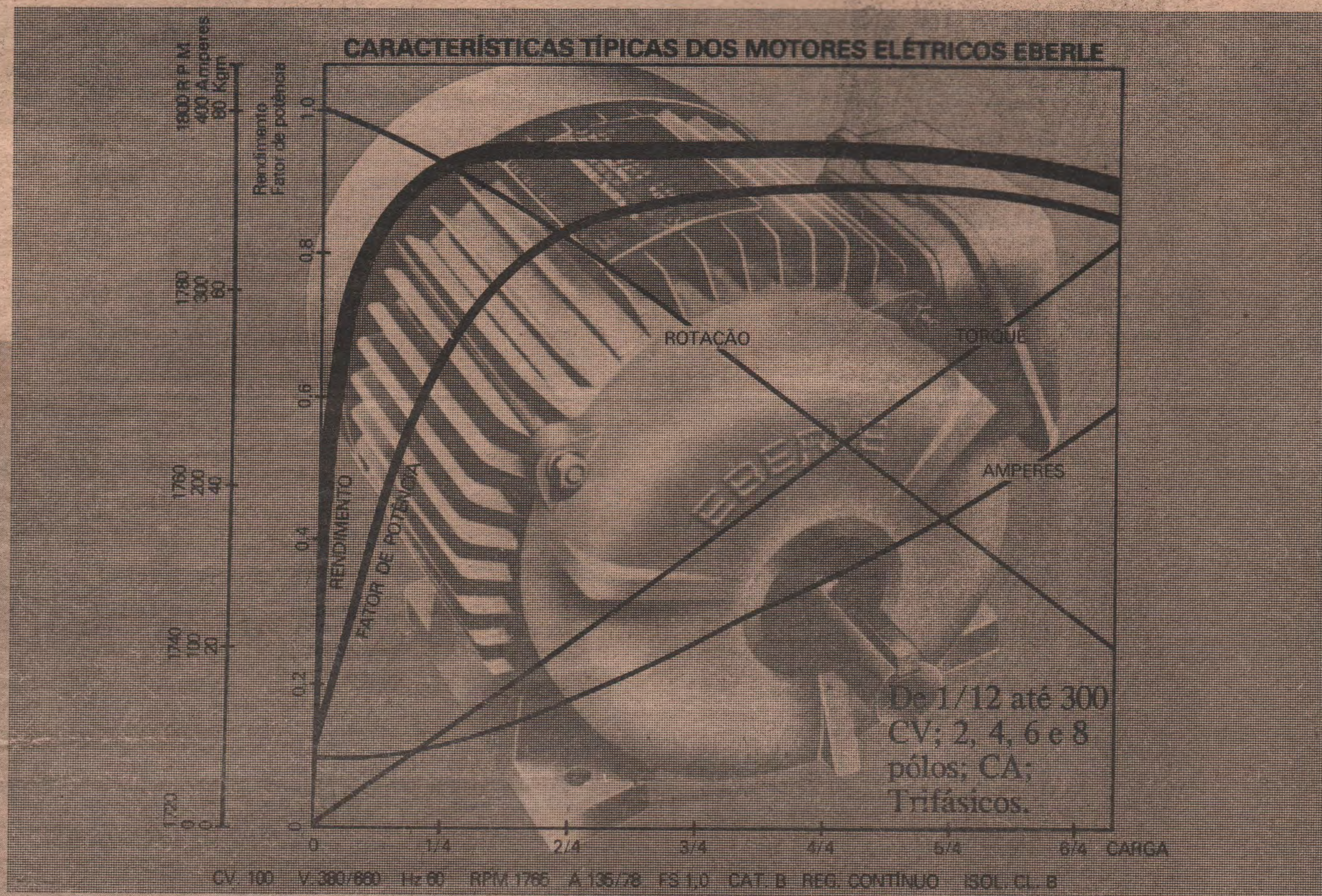
CEP _____

Estado _____

Não mande dinheiro. Só pague ao receber o livro.

Assinatura _____

Razões e consequências da qualidade Eberle.



Para atingir a posição de melhor motor nacional, a Eberle precisou desenvolver importantes aspectos construtivos:

- Construção rigorosa dentro das normas e especificações da ABNT e IEC, inclusive com dimensões de acordo com os padrões exigidos no Mercado Comum Europeu.
- Torque de partida elevado, excedendo os limites mínimos normalizados.
- Escorregamento: inferior a 5%.
- Produto “rendimento x fator de potência” elevado.

— Blindagem: o único motor nacional com a classificação IP55 (Totalmente blindado contra líquidos e poeiras).

— Precisão: balanceamento dos componentes girantes entre 10 e 20 μ .

— Sobreaquecimento: Δt inferior a 80° para a classe de isolamento B.

— Baixo nível de ruído assegurado pelo controle de qualidade utilizando equipamento BRÜEL e KJAER.

Como consequência destes índices, os motores Eberle apresentam

um desempenho superior.

Têm maior vida útil, menores custos de manutenção e consomem muito menos energia elétrica. Isto significa lucro.

Sem quebras ou interrupções.

A prova da veracidade destes dados são os dois anos de garantia sobre todos os motores Eberle.

A Eberle construiu e testou.

Você utiliza e comprova.



2 anos de garantia



MATRIZ: Rua Sinimbu, 1670
CEP 95.100 - Caxias do Sul - RS
End. Teleg. EBERLE
Fone: (054) 221-2511
Telex n.º 0542-155 MAEB-BR
PORTO ALEGRE - CURITIBA
SÃO PAULO - RIO DE JANEIRO
BELO HORIZONTE - SALVADOR
RECIFE

A direita conhece o seu lugar

Dizia-se nos tempos negros do AI-5 e da repressão, que o País avançava tanto para a direita que quem ficava parado, de repente se surpreendia à esquerda. Foi assim que o conceito de direita se restringiu a tal ponto que, a um dado momento, nele não cabiam mais que os generais Sílvio Frota e Ednardo D'Avilla Mello. Daí para o outro lado, amontoava-se uma incrível população de liberais, democratas, distensionistas mais ou menos graduais, social-democratas, centro-esquerdistas (o grupo mais numeroso) até os esquerdistas propriamente ditos, entre os quais não poucos se atrapalhavam com tão estranha companhia.

Foi essa mistura, entretanto, que formou a frente de oposições contra o arbítrio e disparou sua barragem de críticas à exceção descarada. Agora, quando o País começa a voltar da extrema-direita em que caiu, é natural que se realinhem as posições. O espectro político torna-se pouco a pouco mais claro e os primeiros movimentos políticos da temporada iniciada em março jogaram mais luz sobre um ponto importante: vê-se agora como a direita — o pensamento de direita, a força política de direita, os setores conservadores são bem mais amplos, ativos e competentes do que pareciam ser há apenas alguns meses.

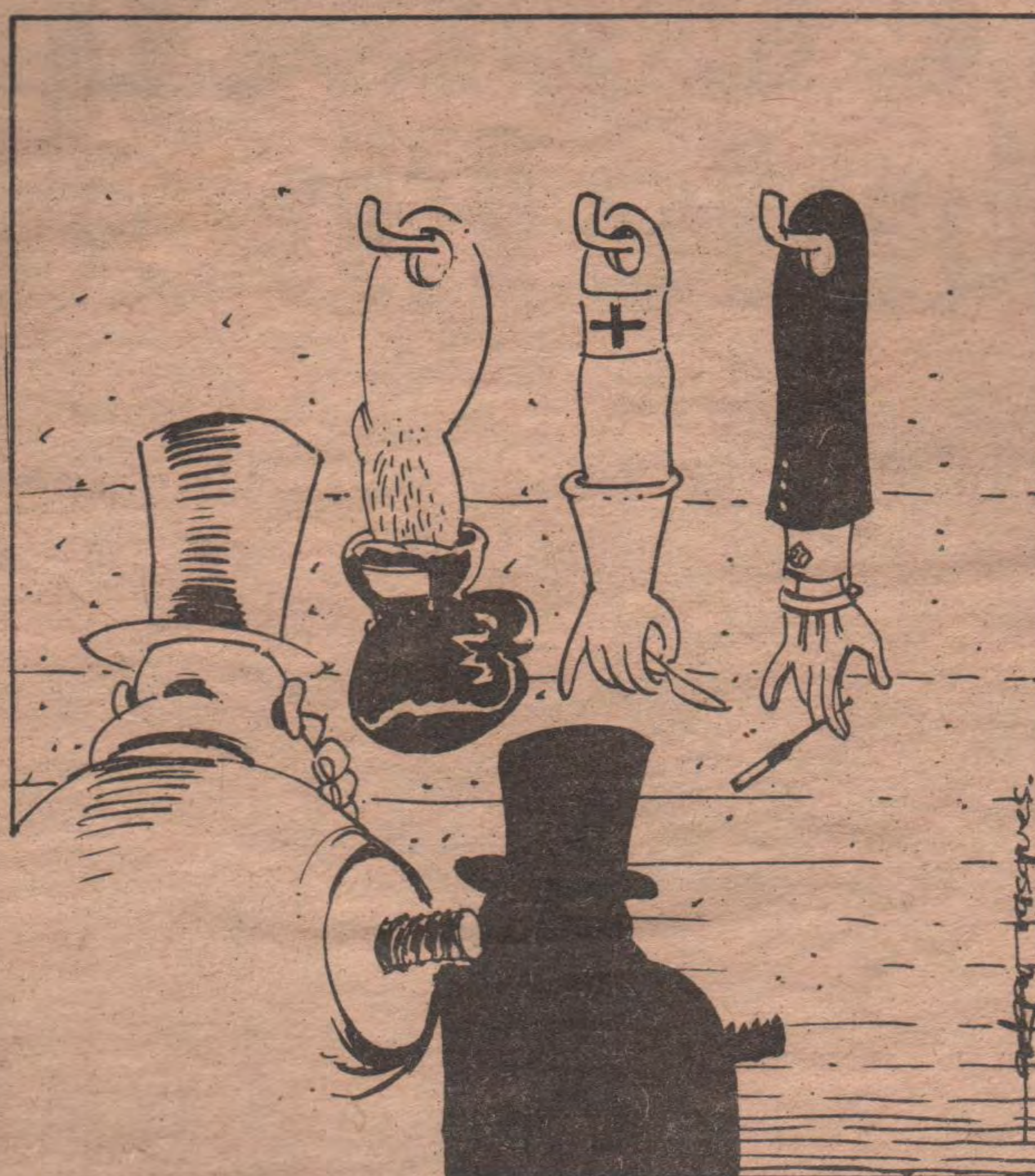
Um movimento flagrante nesse sentido foi a derrota imposta ao general Rodrigo Octavio Jordão Ramos na eleição para a presidência do Superior Tribunal Militar. Essa corte é integrada por 15 ministros, dos quais 10 militares (quatro generais, três brigadeiros e três almirantes) e cinco civis. A presidência cabe sempre a um militar, e, pela tradição, fazia-se rodízio entre as três Armas, elegendo-se de cada vez o oficial mais antigo da Arma à qual tocava a presidência. Neste ano, a presidência cabia ao Exército e, pois, ao seu general mais antigo, Rodrigo Octávio.

Todos conhecem o peso das tradições para os tribunais e a força da hierarquia — e antiguidade é hierarquia — para os militares. Nem por isso os ministros militares mais ligados ao Governo — aos dois Governos, de Ernesto Geisel e de João Baptista de Figueiredo — deixaram de montar uma cuidadosa articulação para colocar na presidência do STM o general Reynaldo Mello de Almeida. Para atingir certos objetivos políticos — este é um dos ensinamentos do episódio — tradição e hierarquia podem sofrer arranhões. E ainda outro: pode-se, também, afastar sumariamente um oficial da Revolução que desempenhou todas as suas funções de general com fidelidade ao regime instalado desde 1964. Porque todos sabiam que o velho General, homem de princípios austeros, não ficaria nem mais um dia no Tribunal se lhe tomassem a presidência. E por que Rodrigo Octávio não serviu mais?

A explicação mais imediata está na sua oposição militante à atual Lei de Segurança Nacional, escrita, feita e aprovada pelo Governo Geisel, em substituição ao texto baixado em 1969 pela Junta Militar. A nova LSN é mais branda na medida em que prevê penas mais reduzidas, mas, doutrinarmente, é igual ao antigo texto: mantém todos os tipos de delitos relacionados na lei da Junta Militar, escrita para o regime do AI-5.

Juntando sua voz à dos liberais clássicos, Rodrigo Octávio não perdeu oportunidade para criticar essa reforma restrita da Legislação de Segurança. E uma dessas oportunidades foi em novembro último, quando fez o discurso de despedida de outro ministro liberal do STM, o general Augusto Fragoso. Rodrigo Octávio investiu então contra "a psicose da subversão permanente a justificar a permanência do arbítrio" — tese que provocou protestos de diversos ministros, na medida em que Rodrigo Octávio falava em nome do STM.

Na ocasião, ficou evidente que Rodrigo Octávio



avançava muito além dos limites da abertura promovida e tolerada pelo Governo. Mas, afinal, ainda se vivia o AI-5 e se supunha que, janeiro entrando e caindo o ato, os ventos da abertura tornariam a temperatura mais tolerável, de tal modo que não haveria nada demais se a presidência do STM, a corte dos crimes políticos, fosse ocupada por Rodrigo Octávio.

A temperatura política, do fato, está mais tolerável, bem mais tolerável. Mas o engano foi supor que a queda dos instrumentos puros de exceção, por si só, enfraqueceria a ação política de direita. É bem o contrário: exatamente por já não dispor dos instrumentos de arbítrio a direita — agora uma direita grande, ampla, com seus reais personagens — precisa se cercar de todas as garantias políticas. Para simplificar: quem dispõe do poder de mudar as regras do jogo a qualquer momento está se lixando para o resultado do jogo. Se não gostar, muda. Quando não se pode mudar a regra, também não se pode mudar o resultado — e está evidente para todos que o regime da Revolução, ao promover a sua abertura controlada, munuiu-se de regras que lhe são muito favoráveis. Por isso, se dispõe a respeitá-las.

Em resumo, e como diz o próprio discurso do Regime, se foi preciso ceder, abrindo-se mão do AI-5, restabelecendo-se o *habeas corpus* e certas garantias do Legislativo e Judiciário, compensou-se isso com regras (salvaguardas) pelas quais o poder político continua nas mãos do Regime. Vale dizer, a abertura é uma conquista das oposições e abre espaço para as oposições. Mas não enfraquece automaticamente o Regime. Pode até fortalecê-lo.

Foi assim no STM. Até o início de março, uma vertente liberal da frente de oposições encontrava eco, naquela corte, na voz e nos votos do general Rodrigo Octávio. E havia muita expectativa em relação à presidência desse General. Uma manobra política do Governo, coordenada pelo brigadeiro Délio Jardim de Mattos, ex-ministro da corte, ministro da Aeronáutica de Figueiredo, eliminou os dois problemas com a eleição do general Reynaldo Mello de Almeida.

É o espectro político clareando. Não faz muito tempo, Reynaldo, Délio e Rodrigo Octávio eram alinhados na mesma posição política — a ala dos militares liberais, geiselistas e distensionistas, que manobravam dentro das Forças Armadas para neutralizar a direita e, assim, garantir suporte à abertura. Feita essa abertura, o País deslocando-se da extrema direita deixou os três oficiais em lugares separados: Délio e Reynaldo se reúnem para impor uma derrota política a Rodrigo Octávio. No quadro político, isso se traduziu por uma vitória do Governo sobre as oposições. As oposições todas, bem entendido, porque é evidente a todos que o general Rodrigo Octávio está longe, muito longe de qualquer matiz levemente esquerdista. Ele não tem culpa se o interpretaram mal quando o País foi tanto à direita. Também começa a ficar claro que, dentro das oposições, milita um contingente considerável que, enquanto o País se movimenta, vai ficando cada vez mais à direita.

Foi, assim, um acontecimento esclarecedor essa eleição no Superior Tribunal Militar. Uma boa ilustração política, digamos assim, porque o fato, afinal, não se inscreverá entre os mais importantes do atual momento. Nem se deve retirar desse episódio qualquer expectativa catastrófica: a derrota imposta a Rodrigo Octávio não significa que o fechamento e o retrocesso são inevitáveis e iminentes. Longe disso. Significa apenas que a abertura desejada pelo Governo tem limites muito precisos e que o Governo tem força e condições políticas suficientes para preservar esses limites sem recorrer à exceção.

Parece bobagem insistir nisso. E talvez seja mesmo. Mas é que as oposições, aqui e em outros países, viveram tanto tempo sob ditaduras bravas, sem regra, sem nada, sofreram tanta violência aplicada na base do mais puro arbítrio, que isso criou uma ilusão: a de que bastava derrubar os instrumentos de exceção e a direita seria varrida implacavelmente.

Bem, o que se está verificando aqui e em outros lugares — e não deixa de ser um aprendizado democrático — é que a direita, além de ser forte, civilizada e competente, é ainda capaz de ganhar eleições e mesmo eleições limpas e honestas, como foram as últimas na Espanha.

Isso recoloca — entre nós — um problema que as oposições de esquerda enfrentaram — e mal em 64 e, especialmente, no período 68/69. A direita não é um pacote só: ela inclui desde os radicais que se reúnem ainda em torno dos organismos de segurança e informações, até os setores civilizados e mais ou menos liberais. No momento, ao que parece, são estes, os últimos, que conduzem o regime, mas os outros não foram aniquilados. Ao contrário, permanecem inteiros, à disposição, e não foram vencidos pelos setores civilizados. Não é à toa que se ouve cada vez mais oficiais até aqui considerados liberais saírem em defesa dos órgãos de repressão, rejeitando assim qualquer proposta de devassa nos porões do Regime. O general Ednardo D'Avilla Mello foi convidado para a posse de Figueiredo e ganhou uma vigorosa defesa do general Dilermando Gomes Monteiro.

Quer dizer, mesmo para aqueles "setores civilizados" a aliança mais próxima está à direita, não à esquerda. As oposições de esquerda e mais liberais certamente insistirão, por exemplo, na apuração e punição da tortura — são seus deveres fazer isso. Mas qual o momento e modo de fazer isso? É nessa avaliação — como em toda sua política — que precisam levar em conta os diversos matizes da direita e tomarem o cuidado de não favorecerem uma nova aliança duradoura entre "civilizados" e "radicais".

RECEBA O COOJORNAL EM CASA 5 DIAS ANTES

Como assinante, você recebe o Coojornal em outros Estados no mesmo dia em que ele vai para as bancas em Porto Alegre.

Quer dizer: no mínimo 5 dias antes de ele chegar às bancas de sua cidade.

ASSINE JÁ E ECONOMIZE CR\$ 75,00

ASSINE. É BOM PARA VOCÊ E BOM PARA NÓS.

Em abril o jornal vai passar para Cr\$ 20,00 o exemplar e Cr\$ 240,00 a assinatura anual. Mas até o dia 15 de abril você pode assinar pelo preço atual — Cr\$ 165,00.

cooJORNAL

Cupom de Assinatura

Assinatura por 12 edições: Cr\$ 165,00
Envie cheque nominal ou vale postal para:
Rua Comendador Coruja, 372 — Porto Alegre — RS — 90.000
Fones: 21.8984 e 24.0951

Desejo receber o Coojornal a partir do nº ☐

Caso você tenha interesse em adquirir o Coojornal a partir do nº 13 — entre em contato com o nosso Depto. de Circulação nos mesmos fones acima.

Nome:

Endereço:

Fone:

Bairro:

CEP:

Cidade:

Estado:

Profissão:

Comunique-nos qualquer alteração de endereço.

Cupom de Assinatura

Assinatura por 12 edições: Cr\$ 165,00
Envie cheque nominal ou vale postal para:
Rua Comendador Coruja, 372 — Porto Alegre — RS — 90.000
Fones: 21.8984 e 24.0951

Desejo receber o Coojornal a partir do nº ☐

Caso você tenha interesse em adquirir o Coojornal a partir do nº 13 — entre em contato com o nosso Depto. de Circulação nos mesmos fones acima.

Nome:

Endereço:

Fone:

Bairro:

CEP:

Cidade:

Estado:

Profissão:

Comunique-nos qualquer alteração de endereço.

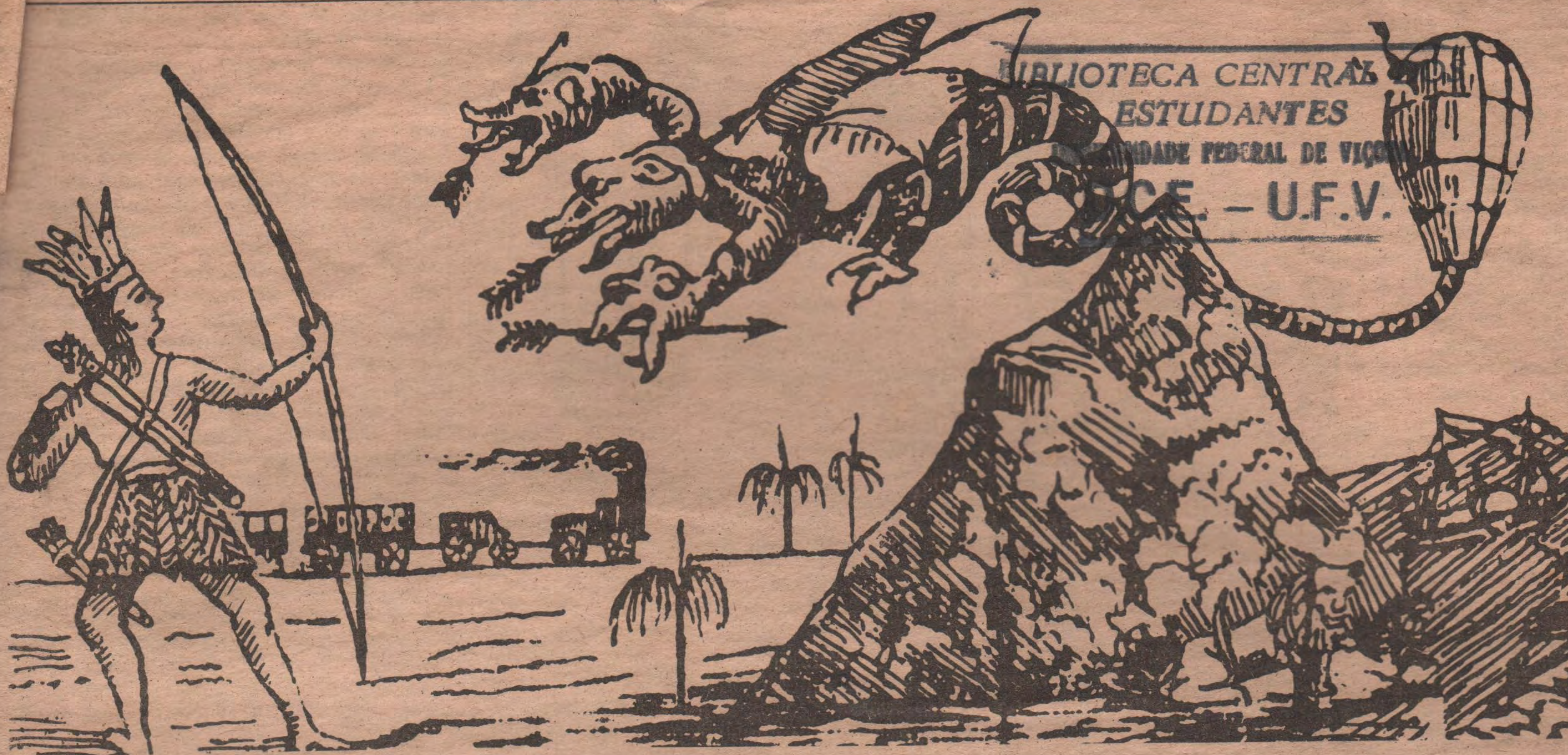


Ilustração de um jornal paraguaio na época: o desenho mostra um guarani atacado pela Tríplice Aliança. O trenzinho ao fundo representa a riqueza paraguaia, o balão à direita é uma referência aos equipamentos da Tríplice Aliança na guerra. Os paraguaios satirizavam o Brasil, cujos soldados eram na maioria escravos.

A TERRÍVEL ALIANÇA

Você lembra do que aprendeu na escola sobre a Guerra do Paraguai? Não é nada daquilo

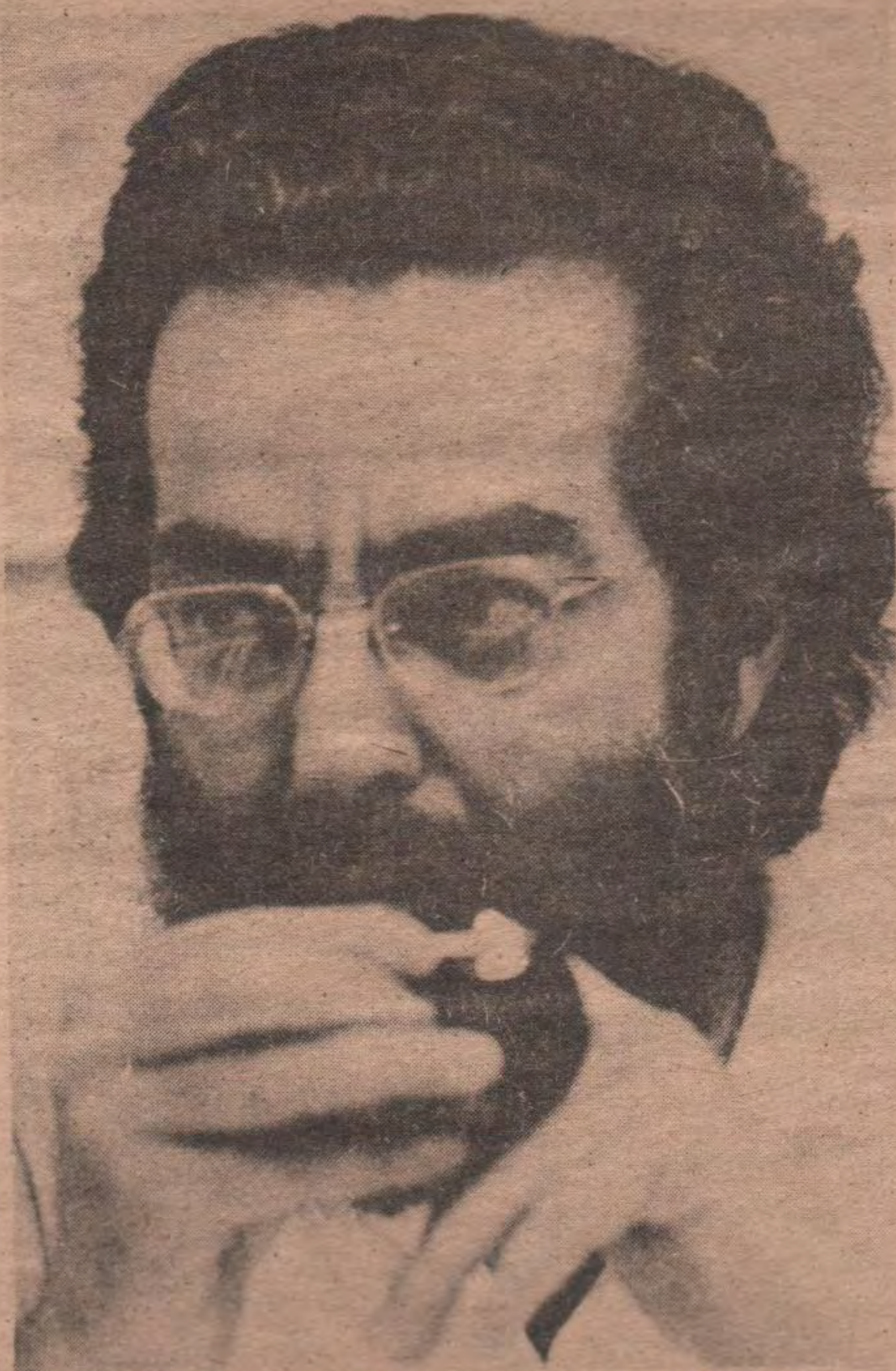
Há alguns anos, quando viajava em sua velha motocicleta por estrada perdida no interior do Paraguai, o jornalista brasileiro Júlio José Chiavenato viu à beira do caminho um enorme monumento em que uma mulher de feições indígenas segurava nos braços magros o corpo de uma criança de 10 anos. Ao pé do monumento, estava escrito: "MONUMENTO A LOS NIÑOS COMBATIENTES DE ACOSTA ÑU — 1869".

Chiavenato recordou imediatamente as aulas de História dos tempos de ginásio, quando o professor ensinava que o Brasil, aliado à Argentina e ao Uruguai, guerreou por cinco longos anos ao Paraguai, governado pelo tirano Francisco Solano López. Mas sua memória não registrava nenhuma batalha, senão a de Riachuelo, em que o Brasil liquidou a esquadra naval paraguaia. E a batalha de Acosta Ñu? E os meninos combatentes?

Intrigado, ele interrogou um paraguaio que habitava as redondezas do monumento. "Meu avô sabe a história", disse-lhe o paraguaio, oferecendo-se para levá-lo à casa do velho. Chiavenato aceitou a oferta e passou o dia com o velho que, seguindo a tradição oral, contou a história do combate de Acosta Ñu (campo grande, em guarani) em versos, dedilhando uma harpa. Acosta Ñu foi um dos derradeiros combates da guerra e o monumento homenageia os soldados mortos, àquela altura exclusivamente meninos.

Dias depois, em Asunción, Chiavenato percorreu museus e bibliotecas, iniciando uma pesquisa que mais tarde se estenderia a Buenos Aires e a alguns centros de documentação brasileiros. Agora, sete anos depois de ter descoberto o monumento aos meninos combatentes da Guerra do Paraguai, ele deu por encerrado um livro sobre o assunto.

"Existem 300 livros sobre essa guerra e são raros os que contam a história direito", afirma Chiavenato, 40 anos de idade, editor do *Diário da Manhã* de Ribeirão Preto (SP). Em sua opinião, o melhor deles é *Guerra del Paraguay — un gran negocio*, do argentino León Pomer, editado em 1968, em Buenos Aires. Segundo Pomer (hoje lecionando na PUC, em São Paulo), a Guerra do Paraguai foi "um grande negócio" para a Inglaterra, que financiou a Tríplice Ali-



Chiavenato: "Foi uma guerra infame"

ça (Argentina, Brasil, Uruguai) até a destruição do Paraguai.

Em seu trabalho ainda inédito e a ser publicado em fins de março pela Editora Brasiliense, de São Paulo, Chiavenato desenvolve e aprofunda as evidências de que a tríplice aliança foi um instrumento do imperialismo inglês na América Latina, onde o Paraguai despontava como uma república autônoma e independente.

Para chegar a essa conclusão, Chiavenato leu as três centenas de livros publicados sobre a Guerra do Paraguai e pesquisou documentos existentes em bibliotecas e museus de Asunción e Buenos Aires, onde recolheu informações ainda hoje mantidas em segredo pelo Brasil. Nos centros de documentação brasileiros, ele não conseguiu vencer as barreiras do segredo militar ou diplomático que ainda pesam sobre inúmeros detalhes da guerra terminada há 108 anos.

Na capital paraguaia os documentos relativos à guerra estão reunidos no Arquivo Nacional del Paraguay, onde o maior problema para chegar aos papéis é ter paciência para esparar o pó das prateleiras e dos medalhões que tomam conta das relíquias históricas do país.

No Arquivo Nacional, entre dezenas de livros semelhantes uns aos outros pela linguagem oficial, descobrem-se peças preciosas, como uma relação completa, item por item, dos "50 mil documentos roubados do Paraguai pelo Brasil". Trata-se de um levantamento extenso e minucioso das presas de guerra recolhidas pelas tropas brasileiras em Asunción, no final da guerra. Segundo Chiavenato, es-

ses documentos permanecem no Brasil, sem que os historiadores saibam onde, nem tenham licença para pesquisá-los.

Em Buenos Aires, a documentação sobre a Guerra do Paraguai encontra-se organizada no Museu Mitre, situado na Calle San Martín, 336. Lá, Chiavenato teve a surpresa de encontrar um folheto, escrito em espanhol, contendo informações sobre a conduta da guerra. O folheto contém a tradução de despachos que o Duque de Caxias teria enviado ao Imperador D. Pedro II, em agosto de 1867. Num trecho, diz o autor:

"Vossa Majestade houve por bem encarregar-me muito especialmente do emprego do ouro, para, acompanhado do sítio, aplinar a campanha do Paraguai, que vinha fazendo-se demasiado longa e carregada de sacrifícios, e aparentemente impossível pela ação das armas. Mas o ouro, Majestade, é matéria inerte contra o fanatismo pátrio dos paraguaios desde que estejam sob o olhar fascinante e o espírito magnetizador de López". (D. Pedro II havia determinado o suborno de oficiais paraguaios).

Caxias, que havia ingressado no meio da campanha militar do Paraguai, com a incumbência de abreviá-la, pois o Paraguai não se entregava e punha até meninos na luta, ficou impressionado ao se defrontar com o fanatismo e a resistência dos paraguaios. Mais tarde, quando a guerra atingiu os limites da crueldade, Caxias repudiou esses métodos, transferindo o comando das operações ao Conde D'Eu, marido da Princesa Izabel.

Uma das descobertas mais surpreendentes da pesquisa de Chiavenato foi o jornal *Cabichuí* (abelha, em guarani), colecionado pelo Arquivo Nacional del Paraguay. Era feito pelos soldados paraguaios e narrava em linguagem popular, às vezes chula, os episódios da guerra. Embora não tenha grande valor como fonte de informações, pois se especializou em sátiras aos brasileiros e elogios aos paraguaios, a história do *Cabichuí* retrata a evolução da guerra, que impunha sacrifícios inacreditáveis ao Paraguai.

Atualmente, Júlio Chiavenato está escrevendo outro livro, sobre a Guerra do Chaco, em que se defrontaram o Paraguai e a Bolívia, na década de 30, movidos por interesses petrolíferos. Quanto ao trabalho sobre a Guerra do Paraguai, ainda sem título definitivo, o *Coojornal* publica em primeira mão alguns trechos do seu livro:

UM POVO LIVRE

O Paraguai foi destruído porque era o único povo livre da América do Sul. Era o único país de economia autônoma, não dominado pelo imperialismo inglês. Brasil, Argentina e Uruguai — que formaram a

Tríplice Aliança — foram o braço armado da Inglaterra, que destruiu o único povo que se opunha ao seu brutal imperialismo econômico.

A independência do Paraguai, em 1811, representou um fato absolutamente inédito no começo do século XIX: pela primeira vez surgiu no mundo, naquela época, um Governo que não era a expressão do Poder Econômico. Isto é, quando França — El Supremo, a quem os historiadores tratam geralmente com uma série de preconceitos e desinformação — empolgou o poder político, usou o Governo contra o Poder Econômico, colocando o Estado a serviço das classes populares. Isso, paralelamente, libertou o Paraguai do colonialismo espanhol e vacinou-o contra o domínio inglês que se verificava escancaradamente nos países vizinhos.

Os detentores do Poder Econômico foram perseguidos e destituídos de sua riqueza. França nacionalizou até a Igreja Católica, privando-a dos seus bens. A oligarquia existente até França, era ligada aos espanhóis e tinha ramificações em Buenos Aires, de onde o imperialismo inglês estendia suas garras. França criou um incipiente socialismo de estado, fez surgir as famosas "estâncias da pátria", onde a produção era socializada e controlada pelo Estado, e proibiu, literalmente, a riqueza no país. Com isso, eliminou na época, uma forma de espoliação da produção paraguaia, já que os antigos detentores do poder econômico alivam-se aos exportadores ligados aos argentinos, brasileiros e ingleses.

Essa estrutura rústica de socialismo de estado evoluiu sensivelmente a partir de 1845, já com Carlos Antonio López no poder, modernizando o Paraguai. Tal modernização das formas de produção, quando a propriedade de todos os bens era controlada pelo Estado, fortaleceu o Paraguai ao ponto de torná-lo o país mais progressista da América do Sul e onde o povo tinha o melhor nível de vida das Américas.

O Paraguai, portanto, rompeu uma estrutura de dominação.

Em 1860, por exemplo, no Paraguai fundia-se todo o ferro necessário para sua indústria. Ou seja: o Paraguai já tinha uma siderúrgica, fundindo uma tonelada de ferro a cada vinte e quatro horas ininterruptamente, e fornecendo material para os seus estaleiros que fabricavam todos os seus navios. As estradas de ferro paraguaias eram construídas com trilhos fabricados no Paraguai e com vagões e locomotivas também totalmente fabricados no país. Isso era uma superioridade técnica fantástica na época, sobre o Brasil e a Argentina. E essa superioridade industrial, só era possível pela estrutura

(continua na página seguinte)

sócio-econômica do Paraguai livre da penetração do capital inglês.

Para conseguir uma indústria de base nitidamente nacional, Carlos Antônio López (pai de Solano), mandava jovens paraguaios que se destacavam nos estudos, especializarem-se na Europa, aprendendo toda a tecnologia necessária para a implantação, no país, de uma base de desenvolvimento que eliminasse a necessidade de importação de bens de produção.

Para a criação da Fundação de Ibicuí, ele contratou técnicos ingleses, como o engenheiro Paddison por exemplo, negando-se à submissão das importações — o Brasil e a Argentina por exemplo, importavam desde agulhas e louças a bebidas espirituosas. (...)

É fácil entender como a independência econômica paraguaia desestabilizava um processo de dominação econômica do imperialismo inglês. Enquanto no Paraguai o progresso industrial era uma forma de fortalecimento da economia, no Império do Brasil e na Argentina, o desenvolvimento era um meio de dominação econômica.

Este é o conteúdo histórico da guerra. Paralelamente, aconteceram ou forjaram-se fatos de natureza diplomática, disputa de fronteiras etc., que deram pretexto formal para a união dos três países que destruíram o perigo paraguaio.

E o confronto aconteceu justamente no meio da década de 60, quando o domínio inglês passava a ser contestado em todo o mundo, desde as suas colônias que se rebelavam, até o crescimento industrial da França e da Alemanha, fazendo surgir novas fontes de poder, disputando mercados ingleses. A guerra da secessão nos Estados Unidos, que privou a Inglaterra durante algum tempo de matéria-prima para suas indústrias de tecido, precipitou o contexto internacional que, na América do Sul, levou à destruição do Paraguai.

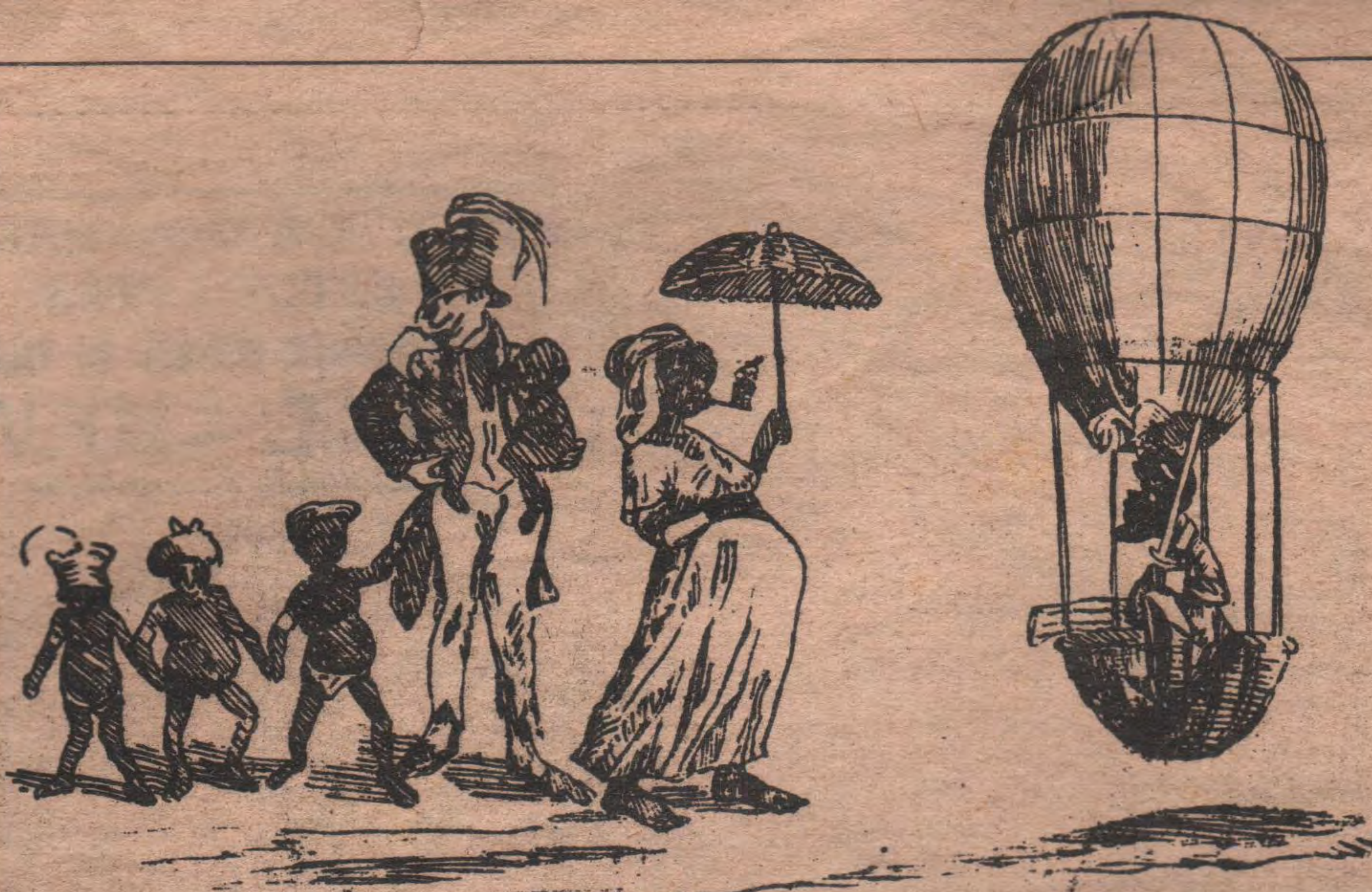
As condições locais na América do Sul e as incoerências políticas do Império do Brasil e Argentina uniram-se às necessidades da Inglaterra para garantir seus redutos de exploração imperialista. E só por isso houve a guerra: que foi totalmente financiada pelos ingleses. Sem este financiamento, nem o Império do Brasil nem a Argentina teriam condições de sustentar uma ação armada contra o Paraguai — que lutou só, não fez um único empréstimo exterior e fabricou suas próprias armas.

Somente os empréstimos feitos pela Inglaterra ao Brasil, de 1825 a 1865, somam 17 milhões, 737 mil e 520 libras, a maior parte fornecida por Rothschild. Para que se traduza realmente a necessidade de o imperialismo inglês manter o status quo, obrigando que se faça a guerra ao Paraguai, basta ressaltar o fato de que 65% desses empréstimos chegam no ano de 1865, início das hostilidades (sem contar ainda o que entra até 1870). Quando termina a guerra, em 1870, a Inglaterra já havia emprestado ao Brasil a espantosa quantia de 31 milhões de libras. Ou seja, até 1865, os empréstimos somavam 11 milhões, 373 mil e 907 libras, em quarenta anos. E apenas em cinco anos, de 1865 a 1870, somam cerca de 20 milhões de libras. Esse estúpido investimento — que representa apenas os empréstimos, excetuando-se outros negócios — expressam a necessidade inglesa de armar o Império do Brasil para destruir o Paraguai.

Naturalmente, esses empréstimos avolumam-se, pois que a Argentina também os recebe em larga escala: até 1875, através da casa bancária de Baring, a Argentina recebe nada menos do que 27 milhões de libras esterlinas. Mais 3,5 milhões de libras emprestadas ao Uruguai dão um total de 61 milhões e 500 mil libras. Mas o que representa para a Inglaterra o mercado interno desses países? O que representa abastecer-se a baixíssimo preço de suas matérias-primas? O que representa, apenas, ter nas mãos o monopólio da exportação do café do Império do Brasil? E, mais do que tudo isso — vital para o processo do seu imperialismo, a manutenção do status quo que permite tão fascinante fonte de lucros.

CADÁVERES COLÉRICOS

Um dos maiores crimes dessa guerra é confessado pelo Duque de Caxias, em despacho privado ao Imperador, de seu próprio punho. Em longo despacho, entre



Uma charge de jornal paraguaio, satirizando o Império por convocar principalmente escravos para lutarem na guerra

outras informações a Pedro II, o Duque de Caxias escreve em 18 de setembro de 1867:

"O general Mitre está resignado plenamente e sem reservas às minhas ordens; ele faz quanto eu lhe indico, como tem estado muito de acordo comigo, em tudo, ainda enquanto a que os cadáveres coléricos, se joguem nas águas do Paraná, já da esquadra como de Itapiru para levar o contágio às populações ribeirinhas, principalmente às de Corrientes, Entre Rios e Santa Fé que lhes são opostas (...). O general Mitre também está convencido de que devem exterminar-se os restos de forças argentinas que ainda lhe quedam, pois delas não divisa senão perigos para sua pessoa."

Um crime de guerra com a agravante de ser cometido contra a população civil inclusive. Evidente de quem a sua responsabilidade, confessada de próprio punho (...). Este é um dos crimes de guerra mais comuns cometidos na Guerra do Paraguai: a contaminação das águas dos rios, vitimando soldados e civis, com o vírus da cólera. E como existem provas incontestáveis, crime cometido pelos aliados — Argentina, Império do Brasil e Uruguai.

Mitre também, que com seus atos criminosos costumeiramente atingia os próprios compatriotas, mandava soldados doentes à frente das forças paraguaias,

para contaminarem os inimigos. Em 28 de janeiro de 1865 — para configurar um crime cometido contra seus compatriotas — Mitre assinou um decreto condenando à morte (...) "todos os indivíduos titulados como chefes que façam parte de grupos anarquistas, capitaneados pelo cabecilha (Geronimo) Costa e quantos forem capturados em armas". Se era capaz de vilezas contra seu próprio povo, não se admira que tenha mandado seus soldados contaminados pela varíola serem arditamente capturados pelo inimigo.

O tratamento dado aos prisioneiros de guerra, não raro, era absolutamente criminoso. Quando caiu Uruguiana, cerca de cinco mil e seiscentos paraguaios foram vítimas de grande opressão física. Além disso, o crime de guerra ali é tão flagrante que pode ser provado na correspondência de Mitre ao vice-presidente da Argentina. Estes prisioneiros paraguaios, maltratados, violentados, ainda eram vendidos como escravos e obrigados a lutar contra seu próprio país. A tal ponto chegou a venda de prisioneiros em Uruguiana, que um oficial brasileiro, andando nas ruas da cidade, precisava gritar que era brasileiro, para não ser raptado e vendido como escravo! A prova nos dá o presidente da Argentina, também comandante do exército aliado na época, Bartolomeu Mitre, em carta ao vice-

presidente Marcos Paz, datada de 4 de outubro de 1865:

"Nosso lote de prisioneiros em Uruguiana foi mais de 1.400. Estranhará a V. o número, que deveria ser maior; mas a razão é que, por parte da cavalaria brasileira, houve no dia da rendição tal roubo de prisioneiros, que pelo menos arrebataram de 800 a 1.000 deles, o que mostra a você a desordem dessa tropa, a falta de energia de seus chefes e a corrupção dessa gente. Pois os roubaram para escravos; até hoje mesmo andam roubando e comprando prisioneiros do outro lado. O comandante Guimarães, chefe de uma brigada brasileira, escandalizado deste tráfico indigno, me dizia outro dia que nas ruas de Uruguiana, tinha que andar dizendo que não era paraguaio para que não o roubassem."

A carta é evidente por si só: o roubo de prisioneiros para transformá-los em escravos é um crime de guerra que se condiciona ao próprio sistema do Império, refletido nas suas tropas: o escravismo... Se os prisioneiros caídos nas mãos dos brasileiros eram transformados em escravos, pior sorte tinham os que cabiam a Venâncio Flores. O correspondente do Evening Star, de Londres, percorreu o campo de batalha e contou aos seus leitores:

"Era um espetáculo horrível. Mil e quatrocentos paraguaios jaziam ali sem haver recebido sepultura; a maioria deles tinha as mãos atadas e a cabeça arrebatada... Os prisioneiros, depois de desarmados, haviam sido degolados e abandonados no campo de batalha!"

SÁDICO EM CENA

Mas, o grande criminoso dessa guerra é o conde D'Eu, genro de Pedro II, que a partir de 1869 substituiu o duque de Caxias no comando do exército. O conde D'Eu tem uma crônica fantástica pelos crimes que cometeu nessa guerra. Na batalha de Peribebuy, quando morreu o valente general brasileiro Menna Barreto, a irritação do príncipe francês chegou a tais limites de brutalidade que mandou, num torpe ato de vingança, que certamente não honra o militar morto, degolar todos os prisioneiros paraguaios no ato de captura, inclusive ao general Pedro Pablo Caballero (não confundir com Bernardino Caballero). O conde D'Eu, pálido e trêmulo, segundo os testemunhos da época, assistiu que longe à degola coletiva de um exército vencido.

Mas a crônica de sua vilania tem aspectos mais rudes e selvagens. Ele mandou fechar o velho hospital de Peribebuy, mantendo no seu interior os enfermos — a maioria de velhos e crianças — e incendiá-lo. O hospital em chamas ficou cercado pelas tropas brasileiras que, cumprindo ordens desse louco príncipe louro, empurravam a ponta de baioneta para dentro das chamas os enfermos que milagrosamente tentavam sair da fogueira.

É difícil, porém, saber qual a maior vilania cometida pelo conde D'Eu. Porque ele, um sádico no comando da guerra, consegue exceder-se. Após a célebre batalha de Acosta Ñu (que mais adiante está detalhada), quando três mil e quinhentas crianças enfrentaram vinte mil aliados (como se verá adiante não há exagero nenhum e prova-se com testemunhos brasileiros esse fantástico acontecimento militar) — pois, após essa insólita batalha, quando ao seu final, no cair da tarde, as mães das crianças paraguaias saíram do mato para resgatar os cadáveres dos filhos e socorrer os poucos sobreviventes, o conde D'Eu mandou incendiar a macega, matando queimadas as crianças e suas mães.

Depois da batalha, Acosta Ñu era um campo em chamas: entre as chamas viam-se, pela noite já, levantar-se um soldado-criança que ali jazia ferido e fugir do fogo até ser alcançado e cair no braseiro, queimando-se vivo. É difícil na crônica militar encontrar atos de maior selvageria.

Outros crimes de guerra poderiam continuar sendo narrados. O exército paraguaio costumava ser seguido pelas mulheres dos seus soldados: as residentes. Após as batalhas, era comum as residentes entrarem no campo de luta, recolhendo e tratando dos seus feridos — pai, irmão, filho, marido — ou simplesmente para enterrar seus mortos. Na batalha de Avahi, quando o general Osório foi ferido e morreram três mil brasileiros, o furor foi tanto que, ao final,

Os mortos: homens, mulheres e crianças

É importante fazer um quadro populacional do Paraguai, antes e depois da guerra:

População no começo da guerra	800.000	— 100%
População morta durante a guerra	606.000	— 75,75%
População do Paraguai após a guerra	194.000	— 24,25%
Homens sobreviventes	14.000	— 1,75%
Mulheres sobreviventes	180.000	— 22,50%
Homens sobreviventes menores de 10 anos	9.800	— 1,225%
Homens sobreviventes até 20 anos	2.100	— 0,2625%
Homens sobreviventes maiores de 20 anos	2.100	— 0,2625%

Um outro quadro muito interessante é o seguinte:

Mulheres paraguaias ao começo da guerra	400.000	— 100%
Mulheres paraguaias mortas durante a guerra	220.000	— 55%
Mulheres paraguaias sobreviventes	180.000	— 45%

Não deixa de ser interessante também, verificar-se a proporção dos habitantes do

Paraguai, após a guerra, em relação ao sexo e à idade		
Total da população após a guerra	194.000	— 100%
Total de homens	14.000	— 7,22%
Total de mulheres	180.000	— 92,78%
Homens até 10 anos	9.800	— 5,06%
Homens até 20 anos	2.100	— 1,08%
Homens maiores de 20 anos	2.100	— 1,08%

Vejamos agora, na população masculina, a proporção por idade:

Homens até 10 anos	9.800	— 70%
Homens até 20 anos	2.100	— 15%
Homens maiores de 20 anos	2.100	— 15%
Total geral da população masculina	14.000	— 100%

E se é preciso mais um comentário, apenas acentuar que somente 15% da população dos homens paraguaios após a guerra têm mais de 20 anos: são apenas 2.100. E eles representam apenas 1,08% da população total. Por fim, a proporção das perdas:

Mortos durante a guerra	606.000	— 75,75% da população
Homens mortos durante a guerra	386.000	— 48,25% da população
Mulheres mortas durante a guerra	220.000	— 27,50% da população

E concluindo:

Homens mortos em relação à população		
Total de 800.000 de antes da guerra		48,25%
Homens mortos em relação à população masculina		
total de 400.000 de antes da guerra		96,50%
Mulheres mortas em relação à população		
Total de 800.000 de antes da guerra		27,50%
Mulheres mortas em relação à população feminina		
Total de 400.000 de antes da guerra		55,00%
Proporção total de mortos na guerra		
Em relação ao total de 800.000 de antes da guerra		75,75%



quando cem "residentes" saíram da orla da selva para recuperar os mortos, sofreram uma carga de cavalaria, foram mortas e lançadas debaixo das patas dos cavalos. Alguns oficiais brasileiros tentaram evitar essa carnificina — que já tinha sido precedida de outra, no extermínio de feridos — mas não o conseguiram.

Na guerra ao Paraguai cometeram-se os maiores crimes que a história militar das Américas tem registro.

Embora este livro não seja uma crônica militar da guerra ao Paraguai, vale a pena, muito rapidamente, destacar alguns acontecimentos que resultaram dessa campanha. Menos para acentuar uma história ou uma cronologia dos fatos militares, e mais para que se examine a peculiaridade dessa guerra.

Essa guerra iria desmentir o presidente Mitre, da Argentina. Quando ela se iniciou, certo da vitória fácil, ele falou solenemente aos argentinos: "Em 24 horas nos quartéis, em quinze dias em Corrientes, em três meses em Asunción". Mais realista, embora de um realismo duro, Alberdi soube entender melhor a guerra: "Uma guerra de bosta". Uma guerra onde as doenças e epidemias mataram mais que as balas. Uma guerra de extermínio total que só terminou quando praticamente não havia mais paraguaios a matar.

Quando começou a guerra o Paraguai tinha aproximadamente oitocentos mil

habitantes. (Há estatísticas informando que a população deveria chegar a um milhão e trezentos mil, o que é muito improvável). Ao terminar, o genocídio foi feito tão eficientemente, que só existiam no Paraguai cento e noventa e quatro mil habitantes. Destes, quatorze mil eram homens e cento e oitenta mil mulheres. Ou seja, a população masculina foi praticamente exterminada: dos quatorze mil homens que sobram da população inicial de oitocentos mil habitantes, pelo menos 70% eram de crianças de menos de dez anos! Segundo cálculos bem realistas, portanto, nove mil e oitocentos habitantes do sexo masculino no Paraguai — da população restante de quatorze mil homens — eram crianças de menos de dez anos. Sobram quatro mil e duzentos maiores de dez anos, apenas metade deverá ter mais de vinte anos. Ou seja: sobram no Paraguai, maiores de vinte anos, dois mil e cem homens!

Calculando-se que metade da população ao início da guerra era formada por mulheres (crianças e adultas), teremos quatrocentos mil habitantes do sexo feminino. Como sobram cento e oitenta mil, mataram-se — e morreram vítimas da fome e epidemias — duzentas e vinte mil mulheres e crianças do sexo feminino na guerra ao Paraguai. Da mesma forma, sobram da população masculina adulta do Paraguai, ao final da guerra, 0,525%! Evidentemente, mata-

ram-se 99,475% dos homens válidos maiores de vinte anos! Esses dados são melhores para se entender a natureza da guerra do que fazer desfilar por páginas e páginas descrições de batalhas e combates...

CRIANÇAS NA GUERRA

Acosta Ñu foi uma das mais terríveis batalhas da história militar do mundo. De um lado, estavam os brasileiros com vinte mil homens. De outro, no meio de um círculo, os paraguaios com três mil e quinhentos soldados de Nove a Quinze Anos, não faltando garotos de seis, sete e oito anos! Junto às três mil e quinhentas crianças paraguais, combatiam quinhentos veteranos comandados pelo general Bernardino Caballero.

Essa batalha, acontécida no dia 16 de agosto de 1869, foi necessária para que o marechal Francisco Solano López continuasse sua fuga do quartel general de Ascurra e seguisse em segurança para Cerro Corá, enquanto os "niños combatientes" retardariam as tropas brasileiras. (Essa batalha de Acosta Ñu é referida por Tasso Fragoso como batalha de Ñu Guassú — Campo Grande).

A batalha começou pela manhã, num campo aberto, coberto de macega. Bernardino Caballero — o melhor general de Francisco Solano López — com seus quinhentos soldados do VI Batalhão de Veteranos, reuniu as três mil e quinhentas crianças e esperou o ataque. Os paraguaios ficaram, como acentuou Tasso Fragoso, num "círculo de fogo". Sofreram o ataque brasileiro por quatro lados: pelo Norte, a cavalaria de Hipólito Ribeiro; pelo Este, as forças do general Câmara; pelo Sul, os veteranos do general Resin; e, finalmente pelo Oeste, atropelavam as forças comandadas pelo conde D'Eu. Atacados pelos quatro flancos, numa

flagrante desproporção de forças de cinco brasileiros para cada paraguaio, a resistência durou o dia todo e ainda pela noite o famigerado conde D'Eu teve que se preocupar com os sobreviventes feridos.

Acosta Ñu é o símbolo mais terrível da crueldade dessa guerra: as crianças de seis a oito anos, no calor da batalha, apavoradas, agarravam-se às pernas dos soldados brasileiros, chorando, pedindo que não as matassem. E eram degoladas no ato. Escondidas nas selvas próximas, as mães observavam o desenrolar da luta. Não poucas pegaram em lanças e chegaram a comandar grupos de crianças na resistência. Finalmente, após todo um dia de luta, os paraguaios foram derrotados. Pela tarde, quando as mães vieram recolher as crianças feridas ou enterrar os mortos, o conde D'Eu mandou incendiar a macega — no braseiro, viam-se crianças feridas correr até caírem vítimas das chamas. A resistência em Acosta Ñu e o sacrifício dessas crianças simbolizam perfeitamente como a guerra se tornou implacável. Tanto pelo lado de Francisco Solano López, formando um exército de crianças, como pelo lado brasileiro, que não se pejou em matá-las.

A batalha de Acosta Ñu permitiu que Francisco Solano López conseguisse escapar do cerco das tropas do conde D'Eu. Seu fim está próximo: ele resiste com pouco menos de quinhentos homens e cercado de conspiradores. A sua morte acontecerá no dia 1º de março de 1870 — com ele, morreu o Paraguai.

Desde 1868 que Asunción já tinha sido tomada — e saqueada pelos soldados brasileiros —, já havia um governo títere imposto e o Paraguai estava sendo retalhado e entregue ao imperialismo internacional. Mesmo assim, Francisco Solano López continuou a desesperada resistência. E morreu resistindo.

Os dez dias que abalaram o mundo, a origem do capital, a nova mulher e outros assuntos reunidos numa coleção revolucionária.

COLEÇÃO BASES, da GLOBAL EDITORA E DISTRIBUIDORA. Textos relevantes, acessíveis ao grande público, nos mais diversos domínios, necessários à sua formação cultural básica.

A1 JOHN REED
"DEZ DIAS QUE ABALARAM O MUNDO"
2ª ed.
O mais vivo relato jamais publicado dos dramáticos acontecimentos que tiveram lugar na Rússia em 1917. Cr\$ 90,00.

A2 MAIAKÓVSKI
"POÉTICA — COMO FAZER VERSOS"
Trata-se da mais importante obra teórica de Maiaikóvski.

A3 KARL MARX
"A ORIGEM DO CAPITAL: A ACUMULAÇÃO 'PRIMITIVA'"
Mostra objetivamente de que modo teve início o processo de acumulação do capital. Cr\$ 50,00.

A4 MARTA HARNECKER
"O CAPITAL — CONCEITOS FUNDAMENTAIS"
A autora assinala com grande precisão a validade teórica atual de "O Capital" e propõe um rigoroso plano de leitura destinado àqueles que se iniciam no seu estudo. Cr\$ 80,00.

MANUAL DE ECONOMIA POLÍTICA
LAPIDOS E OSTROVITIANOV



A5 TURGOT
"REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DAS RIQUEZAS"
KARL MARX
"TEORIA DA MAIS VALIA: OS FISIOCRATAS". Cr\$ 70,00.

A6 ALEXANDRA KOLLONTAI
"A NOVA MULHER E A MORAL SEXUAL"
Alexandra, porta-voz de uma visão ideológica de classe. Cr\$ 60,00.

A7 LEON TROTSKI
"COMO FIZEMOS A REVOLUÇÃO"
Os métodos, a organização e a estratégia utilizados na Revolução de Outubro. Cr\$ 50,00.

A8 WILHELM REICH
"PSICOPATOLOGIA E SOCIOLOGIA DA VIDA SEXUAL". Cr\$ 140,00.

A9 LENIN
"AS TRÊS FONTES E AS TRÊS PARTES CONSTITUTIVAS DO MARXISMO". Cr\$ 50,00.

A10 STALIN
"MATERIALISMO DIALETICO E MATERIALISMO HISTÓRICO". Cr\$ 40,00.

Faça já seu pedido. Peça ainda hoje pelo Reembolso Postal. Preencha o cupom abaixo.

Quiram enviar-me os livros abaixo assinalados com um X:

A1... A2... A3... A4... A5... A6... A7... A8... A9... A10...

NOME: _____ BAIRRO: _____

RUA: _____ CEP: _____ ESTADO: _____

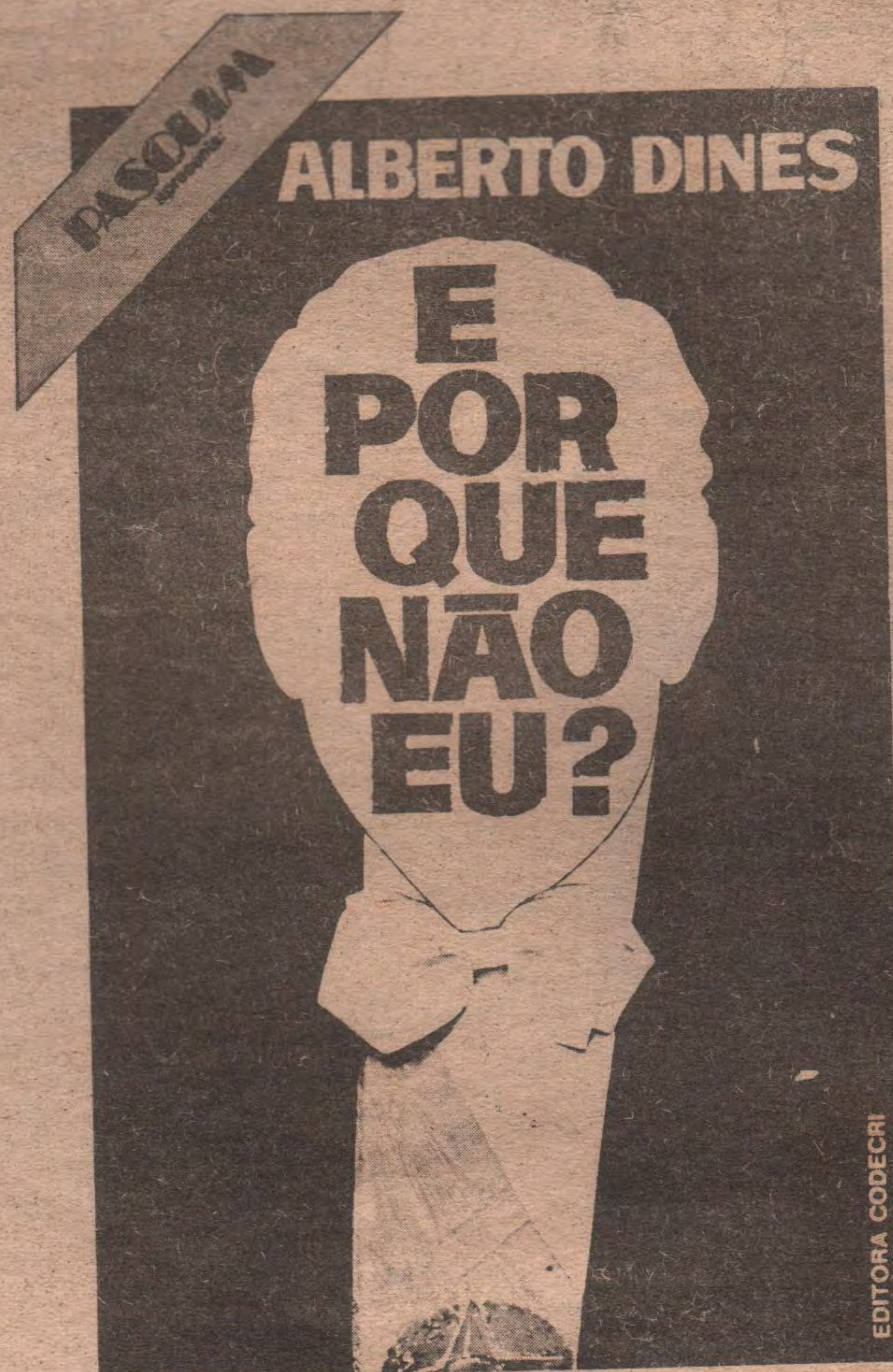
CIDADE: _____

Global Editora e Distribuidora Ltda.
Rua Comendador Coruja, 372
90.000 — Porto Alegre — RS

ASSINATURA _____

* Não cobramos despesas de remessa.

UMA UTOPIA 'AS AVESSAS



NÃO DEIXE DE LER!

Nas bancas e livrarias, ou pelo Reembolso Postal. Não precisa enviar dinheiro agora, basta escrever para:

EDITORA CODECRI LTDA. — Serviço de Reembolso Postal
Rua Saint Roman, 142 — Copacabana
22071 — Rio de Janeiro — RJ

Cr\$ 85,00



DUAS OU TRÊS PÁGINAS DE BOA PROSA

OS TOLOS MORREM ANTES (Fools Die), de Mario Puzo. Tradução de Luzia Machado da Costa, Record, 528 páginas, Cr\$ 280,00.

Na tradição da novela norte-americana, qualquer história precisa de alguns quilômetros para acontecer. Esta tradição se deve, pelo lado mais nobre, a uma certa obsessão pela viagem, pela síndrome do pioneiro em permanente perseguição de fronteiras. Isto é encontrado em Mark Twain, Jack London,

Melville, mas também em Kerouac, e nas histórias policiais onde o detetive, como um peregrino condenado ao deslocamento perpétuo, viaja de crime em crime, pela pobre recompensa de descobrir que nem sempre o criminoso é o mais culpado.

Por outro lado, esta ânsia pelo deslocamento nos mostra que Hollywood ainda exerce um fascínio quase total sobre qualquer vigarista imaginoso que se torna escritor. E Hollywood, embora sua obsessão seja produzir um filme que se passe apenas num quarto — com som direto e todos os detalhes de uma boa transa amorosa — não possui liberdade social e institucional para tratar das questões de sexo. Nada é explicitado e tudo é sugerido, num processo de crescente erotização da aventura, do crime, do terror. Os escritores bons, para Hollywood, são aqueles técnicos imaginosos

capazes de produzir uma história onde as viagens e o sexo se articulam ao terceiro nóculo da fantasia americana: a grana.

No fim tudo se mistura: o americano é este cara se deslocando em conflito na busca de gratificações. E estas, como dizia Mencken ainda no princípio do século, são o sexo e a grana. Os componentes do coquetel de um bom sucesso editorial estão aí. Mario Puzo usou-os para tornar *Os Tolos Morrem Antes* (Fools Die) um sucesso do mesmo tipo de *O Chefão*. Nova York, Las Vegas e Hollywood, alguns gangsters e jogadores numa dura batalha pelo dinheiro, atrizes com os mais diversos hábitos sexuais, um escritor e jornalista endemecido, tudo distribuído em mais de 500 páginas.

Lá estão os cassinos de Las Vegas e alguns lugares famosos de Nova York e Hollywood. E as explicações de um escritor sobre a fidelidade, a morte, o dinheiro, o sucesso, a amizade. *O Livro 1*, (com duas ou três páginas apenas) que parece um pastiche de Norman Mailer, promete um *Guerra e Paz* onde todos os combates serão na alcova ou mesas de jogo ou escritórios de advogados. Na verdade Puzo misturou a sua bebida e nos serviu um caldo pegajoso, de gosto indefinido, onde duas ou três páginas de boa prosa se misturam a calhamaças do que há de pior em ficção. Os melhores momentos de Puzo são os que tratam da miséria que, no caso, é o período em que o personagem/escritor aceita suborno numa repartição de recrutamento militar.

As conversas e acontecimentos de Las Vegas tinham a intenção de nos oferecer as emoções do jogo e do crime. Acabam se tornando uma sopa de clichês. E em Hollywood, deveríamos ter recebido, finalmente, o livro que Scott Fitzgerald não havia conseguido escrever. Mas nem aí aparece alguma coisa que Budd Schullberg ou o próprio Fitzgerald já não o tenham feito muito melhor. O sexo nunca foi tão hollywoodiano e a permissividade de Puzo é puramente factual: ele mistura lésbicas com um hetero e faz alguns personagens contar como gostam de ter o seu sexo. É uma trilha morta, não nos levará a nada daquilo prometido por Lawrence ou Henry Miller.

Enfim, talvez apenas a venda do livro o justifique, mas isto já é assunto para contabilidade do editor de Puzo. Resta perceber que até escrever, fria e calculadamente, um livro de sucesso, exige qualificação superior à existente no atual estoque de truques de Puzo. Mesmo o dinheiro, que ele considera pessoalmente um ponto chave na sua vida e em sua literatura, é tratado com extrema vulgaridade. Em defesa de Puzo, diga-se que ele pode ter sofrido o que é comum nos escritores editados pela Record: uma tradução deficiente. Alguns momentos do texto são muito ruins, estranhos num escritor com a qualidade do Mario Puzo que escreveu *Guerra Suja* (Dark Arena).

JOSÉ ONOFRE

DOLOROSOS ROTEIROS DO EXÍLIO

TEMPO DE AMEAÇA, de Rodolfo Konder, Editora Alfa-Ômega, 1978, São Paulo, Cr\$ 70,00.

MURRO EM PONTA DE FACA, teatro de Augusto Boal, Editora Hucitec, 1978, São Paulo, Cr\$ 90,00.

No atual momento da vida política brasileira, quando tomam corpo, cada vez mais, os movimentos em defesa dos direitos humanos e pela anistia em favor de tantos e tantos brasileiros impedidos de voltar à sua terra, o surgimento de duas obras nas livrarias reveste-se de suma importância e inegável oportunidade: *Tempo de Ameaça*, de Rodolfo Konder, e *Murro em Ponta de Faca*, de Augusto Boal. Ambas talm do mesmo problema: a vida dos exilados brasileiros em sua perambulação pelo mundo, seus sofrimentos e humilhações, suas saudades da pátria, seus desesperos, sua condenação por terem tido a audácia de um dia expressarem seus pensamentos.

Tempo de Ameaça, de Rodolfo Konder, dedicado a "todos os homens e mulheres que tomaram na luta pela liberdade e contra o fascismo na América Latina", apesar da linguagem literária que o aproxima de um romance, não é obra de ficção, mas a autobiografia política de um exilado. Levantando a vida do personagem-autor, desde sua infância em Ipanema, até sua maturidade, engajamento político e conseqüente exílio e deportações que o fizeram perambular por vários países, Rodolfo Konder traça um painel dos terrores da repressão, do martírio do exílio, da solidão a que é condenado aquele que se aventura na política contrária aos interesses da classe dominante.

Murro em Ponta de Faca, de Augusto Boal, é outro documento importante e oportuno. Abordando o mesmo tema, em forma teatral, o texto de Boal é, no dizer de Gianfrancesco Guarnieri, "uma exposição exata e pungente da condição de exilado, do horror das perseguições, da promiscuidade dos refúgios, do andar em círculo daqueles a quem se nega pouso, pátria, raiz". Aliás, sobre essa condição do exilado, é o próprio Boal quem diz, referindo-se à feitura do texto: "Sentei, chorei um bocadinho — ninguém é de ferro! E fui juntando lembranças. E raiva também, podem crer, boa raiva de bom tamanho". Considerado um dos mais completos homens do teatro brasileiro, respeitado e solicitado por vários países, Augusto Boal está exilado há sete anos. Sobre seu possível retorno, é ele quem fala: "Quando é que eu volto? Não sei. Sei que sinto saudades, sei que quero voltar... Sei que só voltarei quando puder voltar inteiro: eu e o meu trabalho, que é parte de mim. Quando puder fazer no Brasil o mesmo que faço fora, na França e na Itália, na Suécia e em Portugal: teatro do oprimido, teatro para a liberação. Quando isso for possível, tomo o primeiro avião". Enquanto isso não acontece, resta ao leitor brasileiro o consolo de ler *Murro em Ponta de Faca* e curtir a incompreensão de ver afastado do país um homem que poderia estar contribuindo, aqui e agora, de forma decisiva, para o desenvolvimento da nossa cultura.

CARLOS CARVALHO

LONGE DOS ARROUBOS DE MCLUHAM

O MITO DA CULTURA DE MASSA, de Alan Swingewood, Editora Interciência, 124 páginas, Cr\$ 110,00.

Alan Swingewood não é norte-americano nem europeu do continente. De certa forma, esta referência revela algo sobre O Mito da Cultura de Massa que não se filia a funcionalismo ou a estruturalismo. Este autor inglês se propõe a analisar a cultura de massa — muitas vezes transformada em mito moderno —

OS LIVROS QUE VOCÊ PRECISA LER ESTÃO AQUI.

E1 — ESPIONAGEM CIENTÍFICA:

Jacques Bergier
Os cientistas, a política e a tecnologia da guerra.
A manipulação de cérebros, o uso da ciência pelos governos, o tráfico de sabões. — Cr\$ 100,00

E2 — ANTOLOGIA POÉTICA:

Pablo Neruda
Edição bilingue: texto original em castelhano e a tradução portuguesa em prosa. O melhor de Neruda em um único livro. — Cr\$ 90,00

E3 — O MITO DA CULTURA DE MASSA:

Alan Swingewood
Uma análise dos princípios fundamentais da comunicação de massa, a partir da dominação de classe nas sociedades capitalistas modernas. Um estudo a partir das teorias de Adorno, Gramsci, Benjamin, Althusser, Marcuse e Lukacs. — Cr\$ 120,00

E4 — ECOLOGIA E POLUIÇÃO:

Benjamin de Carvalho
O homem e seu ecossistema. Poluição do meio ambiente e explosão demográfica. A destruição do meio ambiente e o futuro. O progresso a qualquer preço e a natureza. — Cr\$ 110,00

E5 — SEXO E AMOR:

Eric Berne
Uma abordagem inteiramente original do sexo e do amor: sob o prisma da análise transacional. Linguagem coloquial, fundado em pesquisa e transbordante de verve e sabedoria. — Cr\$ 100,00

E6 — AGRESSIVIDADE CRIATIVA:

Bach & Goldberg
Um livro que derruba o mito do "cara legal". O perigo da repressão da raiva. Como tornar construtiva sua agressividade livrando-se do artificialismo das relações humanas. — Cr\$ 160,00

E7 — NOSSA NOVA CASA:

Bruno Monteiro
Projetos completos, com fachadas e divisões internas, de casas térreas e sobrados de vários estilos. — 98 sugestões para construir sua casa. E mais: churrasqueiras, lareiras, piscinas, jardins. Projetos novos. Totalmente a cores. — Cr\$ 160,00

Aproveite a oportunidade. Peça ainda hoje pelo Reembolso Postal. Preencha o cupom abaixo.

Agência Literária Veritas Ltda. Comendador Coruja, 372 — Porto Alegre

Queiram enviar-me os livros abaixo assinalados com um X:

E1... E2... E3... E4... E5... E6... E7...

Nome: _____

Rua: _____

Bairro: _____

Cidade: _____

CEP: _____

Estado: _____

*

Não cobramos despesas de remessa.

Assinatura _____

ponha logo no Correio